

LIVRO DAS
GRANDEZAS
DE LISBOA.

COMPOSTO PELO PADRE
FREY NICOLAO D'OLIVEYRA
Religioso da Ordē da Sãctissima Trindade,
& natural da mesma Cidade.

* * *

DIRIGIDO A D. PEDRO D'ALCACOVA
*Alcayde mor das tres Villas, Campo mayor,
Ouguelia, & Idanha a nova, &
Comendador das
Idanha.*



Com todas as Licenças necessarias

IMPRESSO EM LISBOA
por Iorge Rodriguez. Año 1620.

Lisboa: Porto Asiático (Séculos XVI e XVII)

CRISTINA COSTA GOMES*



A 20 de Novembro de 1543, Luigi Lippomano, núncio apostólico em Lisboa, numa missiva dirigida a Francesco Vannuci, descrevia a cidade onde se encontrava a viver como uma “*grande città laquale è l'emporio di questo mondo di qua.*”¹ Proclamava, afinal, a imagem de Lisboa como a capital de um Império e o seu porto como um centro mercantil de escala planetária, a porta da Ásia na Europa. Valentim Fernandes, na *Epístola ao Rei D. Manuel*, que acompanha a edição portuguesa de Marco Pólo, de 1502, maravilhava-se, igualmente, com o porto de Lisboa. Dizia ao monarca que este era já feito “porto da Índia, o qual não só sobrepuja todos os portos da nossa Europa, mas ainda os de África e de Ásia.”² E Portugal era Europa, antes de mais porque os portugueses vincularam a Ásia à Europa.³ E tal situação só foi possível porque se afirmaram nos circuitos marítimo-mercantis da Ásia/Índia Oriental.

É essa dimensão de Lisboa como porto/porta da Ásia na Europa que vários autores, de Quinhentos e Seiscentos, acentuaram, alguns de forma mais

encomiástica do que outros. Lisboa foi versada como “muy grande sobre maneira / emperio de todo quanto / pellos mares se nauega” e o seu porto como o “mais soberbo, / que os de toda a redondeza.”⁴

A vertente marítima da cidade e o seu relacionamento extra-europeu foram sublinhados por João Brandão, na obra *Majestade e grandezas de Lisboa em 1552*, considerando este autor que “na monarquia do mar hociano e suas ilhas, na bondade do sitio, e na variedade das cousas que cada hora nella se vêem e na abomdança de merquadorias que a ela acodem, não tem par.”⁵

O rio Tejo era a larga porta que se abria ao mundo e às suas mercadorias, “por quanto no porto desta Cidade se fazem todas as armadas, com as quais, e com os seus filhos, e Cidadãos os Reys deste Reyno conquistarão grande parte do mundo...”⁶ Assim pintava o rio Tejo Fr. Nicolau de Oliveira, no *Livro das Grandezas de Lisboa*, no ano de 1620 (Fig. 1). Dizia:

“o Tejo passa lauando os muros de Lixboa, e em distancia de tres legoas abaixo della entra no mar Oceano, e antes de entrar nelle faz huã larga enseada, entrando pella terra, que termina da parte do Norte, no Cabo de Finis terrae, e da parte do Meo dia, no Cabo de Sam Vicente, ficando estes dous Promontórios, como dous términos, e balizas da grandeza da Cidade de Lixboa, e quasi mostrando com a larga porta que abrem ao mar, que toda a abundancia de todo o mundo, mediante sua grande nauegação, entra nella...”⁷

* Doutorada em História Moderna pela Universidade de Lisboa. Directora da Biblioteca do Centro Científico e Cultural de Macau (Lisboa) e investigadora do Centro de Estudos Clássicos (Universidade de Lisboa), é ainda Paleógrafa e Professora na Escola Superior de Artes Decorativas (Lisboa). Tem publicado diversos artigos e livros, entre os quais: *Diogo de Sá no Renascimento Português* (Lisboa: CEC/FLUL, 2012) e *Tomás Pereira. Obras* (como co-autora; Lisboa: CCCM, 2011).

Ph.D. from the University of Lisbon. She is the Director of the Library of Macau Scientific and Cultural Centre (Lisbon) and researcher at Classical Studies Centre (University of Lisbon). A well-known Paleographer, she teaches at Escola Superior de Artes Decorativas in Lisbon. She has published several articles and books, such as *Diogo de Sá no Renascimento Português* (Lisbon: CEC/FLUL, 2012) and *Tomás Pereira. Obras* (as co-author; Lisbon: CCCM, 2011).



Fig. 2. "Olissippo quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lusitaniae, ad Tagum, totius Orientis, et multarum Insularum Africaeque et Americae emporium nobilissimum". Gravura representando uma das mais antigas panorâmicas da cidade de Lisboa no século XVI, inscrita na obra de Georgio Braunto, *Civitates Orbis Terrarum*... (Colônia, 1572). Dim.: 360 mm x 470 mm. N.º Inventário: MC.GRA. 37.

HISTORIOGRAFIA

Os poetas não deixaram de cantar esta “grá cidade”, esta “nobre Lisboa, / ... esta que do Ocidente / Com grande nome em toda parte soa / ... Que dá Leis ò Meio dia, e ò Oriente.” A Lisboa cantada por Pêro Andrade de Caminha (152?-1589) era uma cidade que via, no dizer do Poeta, debruçada sobre o Tejo, “ricos retornos, grossos ganhos / De ricas mercancias / Qu’esta terra a outras dá, e doutras aceita.” Era uma cidade, sobretudo, que testemunhava as novidades do mundo: “Novidades verão todos os dias / Em que os sentidos e olhos s’achem estranhos, / Inda que o apetito nada enjeita.”⁸

A cidade de Lisboa era, pois, vista como uma montra universal de exibição das novidades do mundo, possibilitada pela diáspora dos portugueses, nos séculos XVI e XVII, que resultou no alargamento dos contactos e trocas com diferentes sociedades e culturas.⁹ E essas novidades eram também notícias que, segundo Luís Mendes de Vasconcelos (1609), chegavam a Lisboa e daí circulavam para diversas províncias da Europa.

Esta grande exposição, ou bazar oriental do mundo, fazia-se na Corte e nas igrejas, mas também na Ribeira das Naus ou na Rua Nova dos Mercadores, com o rio Tejo como pano de fundo. E os

... produtos naturais e as manufacturas, a fauna e a flora, as gentes e os costumes, que do mundo desaguam em Lisboa/Portugal, vão criando novos padrões sensoriais, novos horizontes de consumo e de gosto no vestuário, na alimentação, nas artes.¹⁰



As diferentes representações de Lisboa (Figs. 2 e 3), a partir dos finais do século XV, transportam-nos para um cenário, ou espaço/espelho do exótico. Em Novembro de 1494, J. Munzer viu no Mosteiro da Santíssima Trindade um enorme crocodilo pendurado no coro e uma enorme árvore chamada dragão.¹¹ Mas, as surpresas não ficaram por aí... Em Santa Maria da Luz viu outro crocodilo pequeno e, ao subir ao Castelo, teve a oportunidade de contemplar dois bonitos e fortíssimos leões.¹²

Além dos crocodilos e leões, muitos outros animais, nunca antes vistos, podiam ser admirados em Lisboa e na cidade de Évora, acompanhando a Corte: camelos, serpentes, onças, elefantes, aves falantes... Em 1494, Munzer surpreendia-se, na Igreja de São Brás, em Évora, com a pele de uma serpente trazida da Etiópia e com um camelo no pátio do rei.¹³ Um elefante e um rinoceronte (Figs. 4 e 5) acompanham a embaixada de D. Manuel ao papa Leão X (1513). Além dos animais, a embaixada contemplava também outras raridades: porcelanas, pérolas, rubis, diamantes, esmeraldas, um pontifical de fausto oriental com ouro, não esquecendo o livro impresso em chinês.¹⁴

João Brandão não se esquecia de afirmar que os rendimentos da Índia e da Mina constituíam, na segunda metade do século XVI, a principal grandeza da cidade de Lisboa.¹⁵ As mercadorias variadas e tão atractivas que chegavam ao seu porto são elencadas por

Fig. 3. “Lisbona.” Publicada na obra, *Civitates orbis terrarum*, volume 1, 1572. The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library.

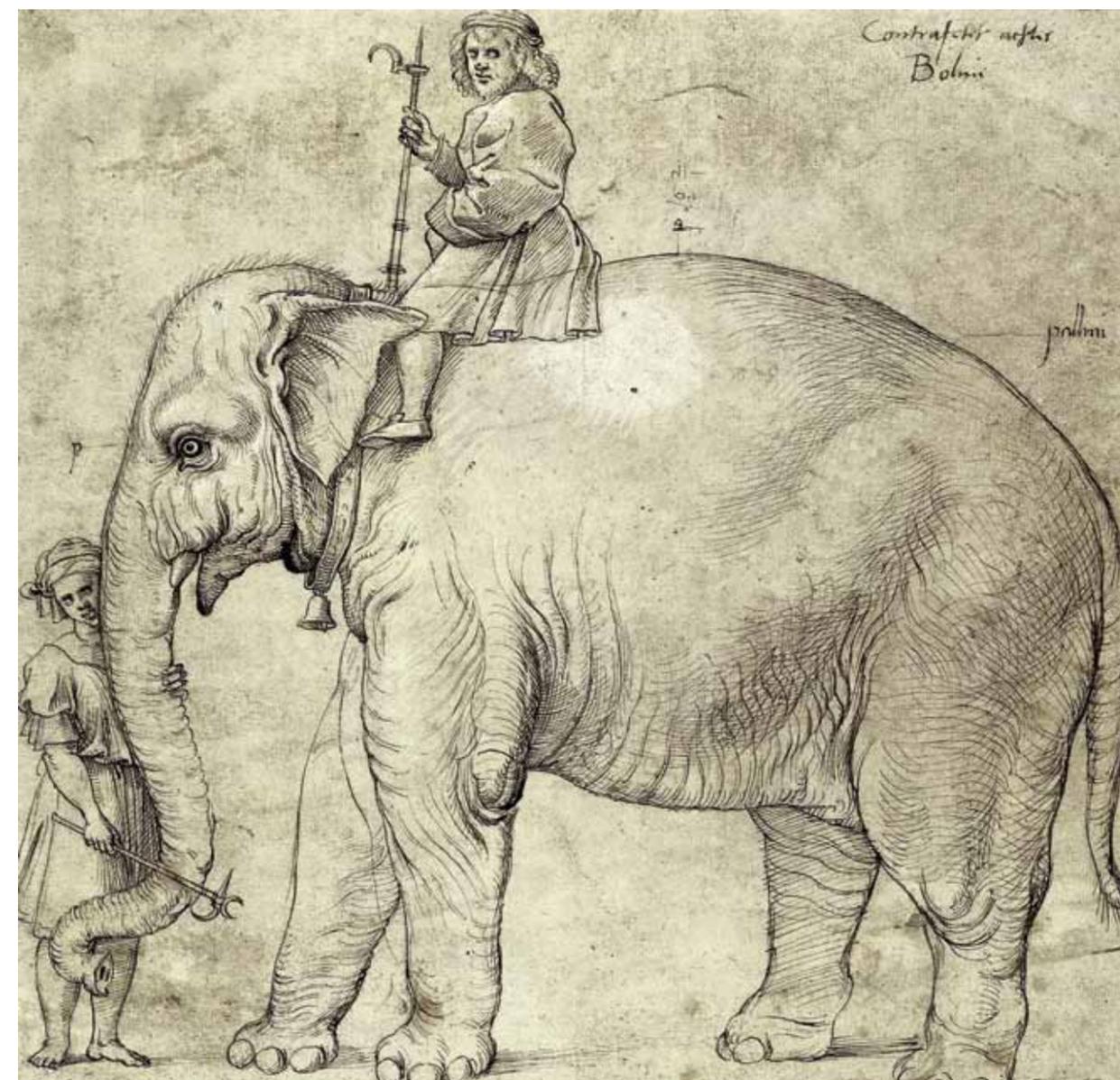
HISTORIOGRAPHY

este autor. Além das especiarias e roupas da Índia, que o inundavam, vinham muitas outras “cousas e peças e mercadorias de muita qualidade. s. de muyta pedraria muyto riqua, e de muytas sortes [...] muytas joyas de ouro, anéis de muyta qualidade e preço – muito ambre – beijoim, colchas, almisque – [...] parçolanas, alcáfore – gengibre em conserva – e outras cousas. – Muytos leytos – e mirabolanes, botóeis de Çeilão de pedraria e outras peças muyto ricas, como são alcatifas, e sobre

çeos ...”¹⁶ A esta relação, longe de ser exaustiva, o autor anónimo da *Relaçam*, publicada em 1625, acrescentava ainda: “Os vários brincos da China / escritórios de gauetas / mil obras tam marchetadas / de contadores e mesas.”¹⁷

E, que dizer dos escravos? Apesar de não serem mencionados por estes dois autores, Jerónimo Munzer, ao visitar a Ribeira das Naus, viu tantos trabalhadores negros, junto dos fornos de uma ferraria onde se faziam

Fig. 4. “Hanno” (1510-1516). Rafael/Giulio Romano (atr.). Desenho à pena sobre papel. Preussischer Kulturbesitz Kupferstichkabinett, Staatliche Museen, Berlin.



HISTORIOGRAFIA

HISTORIOGRAPHY

âncoras que pensou encontrar-se entre os ciclopes no antro de Vulcano.¹⁸

Mas, não eram só os negros as gentes de outros continentes a habitarem em Lisboa. Em 1571, na recepção do legado do Papa Paulo V, muitos “indiáticos que residem em Lisboa enviaram dois [bergantins] cheios de varias plantas, flôres e fructos da India, feitos de cêra, que representavam uma primavera, não faltando ahi rosas, violas e hervas odoríferas, naturaes e verdadeiras, colhidas em Lisboa.”¹⁹

O movimento do porto e a circulação de produtos justificavam o número de mercadores existentes em Lisboa. Cristóvão Rodrigues de Oliveira no seu *Sumário*, impresso em 1554 ou 1555, fez a estimativa do seu número: 6 mercadores banqueiros,

28 mercadores caixeiros de sedas, 30 mercadores grossos que compram por junto, 60 mercadores de panos com lojas, 458 mercadores de toda a mercadoria e, finalmente, 620 tratantes. A sua actividade concentrava-se na Rua Nova dos Mercadores, junto ao Tejo.

Todos estes produtos acabaram por gerar novos padrões de ostentação do poder pela Coroa, pelos nobres e elites urbanas, assim como de gosto, com profundos reflexos nas artes e na própria alimentação.

O fascínio exercido pelas artes asiáticas conduziu, logo no primeiro quartel de Quinhentos, à imitação de modelos orientalizantes, às encomendas de porcelana com motivos portugueses na Ásia, assim como à oferta de peças de arte compradas no Oriente. Os próprios programas decorativos de algumas igrejas de Lisboa, principais veículos do Cristianismo e da propaganda

Fig. 5. “Rinoceronte”, Albrecht Dürer, xilografia, 1515.

Nach Christus gepurt. 1513. Jar. 26. 1. 11. May. Hat man dem großmichtigen Kunig von Portugal. Emannell gon Lyfazona pracht auß India/ ein sollich lebendig Thier. Das nomen sic Rhinocerus. Das ist hie mit aller seiner gestalt abcondert. Es hat ein farb wie ein gepredelte Schildkrot. Und ist vñ dicken Schalen vberlegt fast fest. Und ist in der groß als der helffande Aber nydertrechtiger von paynen/ vnd fast wechaffig. Es hat ein scharff starck Horn vom auff der nase/ Das begynde es alweg zu wegen wo es bey staynen ist. Das doßig Thier ist des helff fang todt feynde. Der helffande furcht es fast vñd/ dann wo es In ankumbe/ so laufft In das Thier mit dem kopff zwischen dyc foydern payn/ vnd reißt den helffande vnder am pauch auff vñ erwürgt. In/ des mag a sich nit erweyn. Dann das Thier ist also gewapent/ das In der helffande nichts kan thün. Sie sagen auch das der Rhinocerus Schnell/ Fraydig und Listig sey.

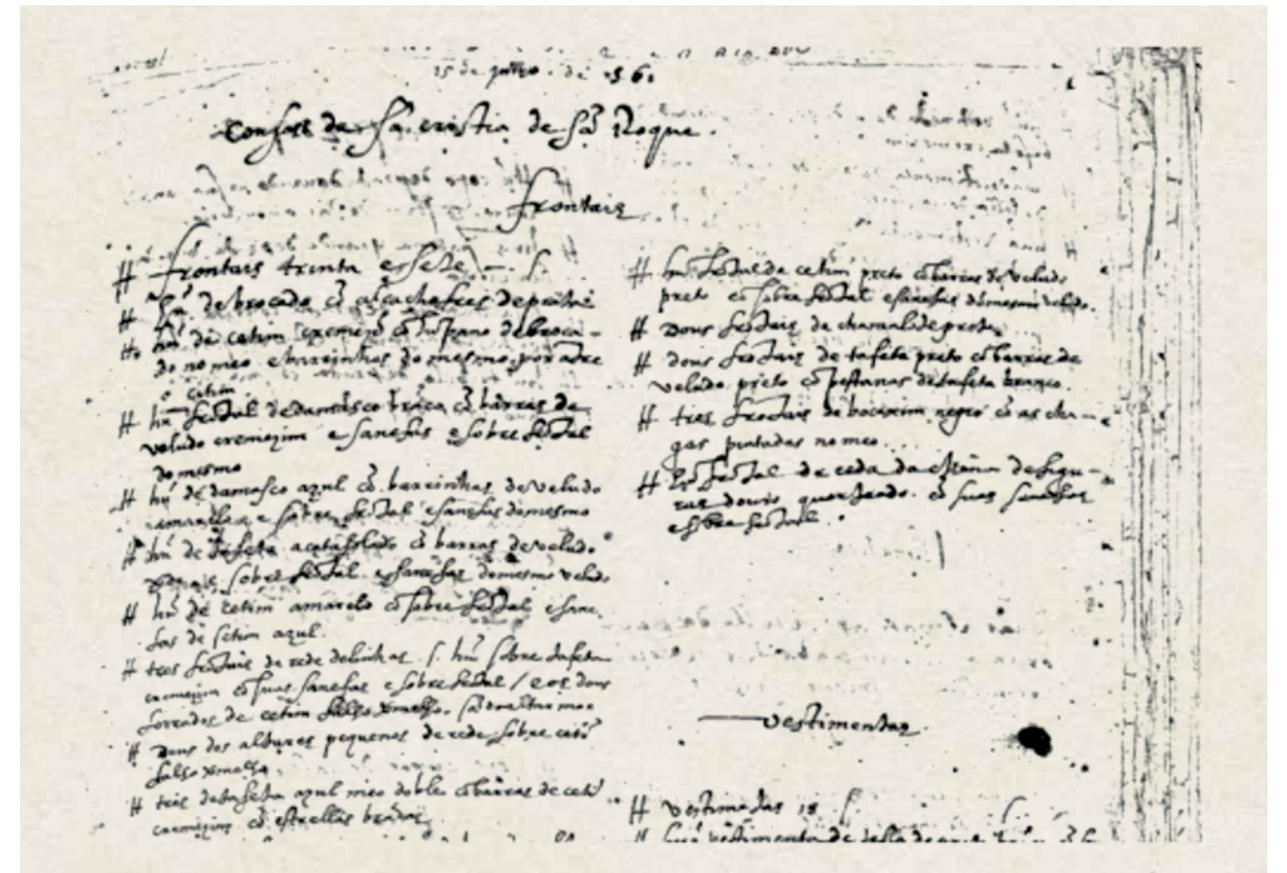
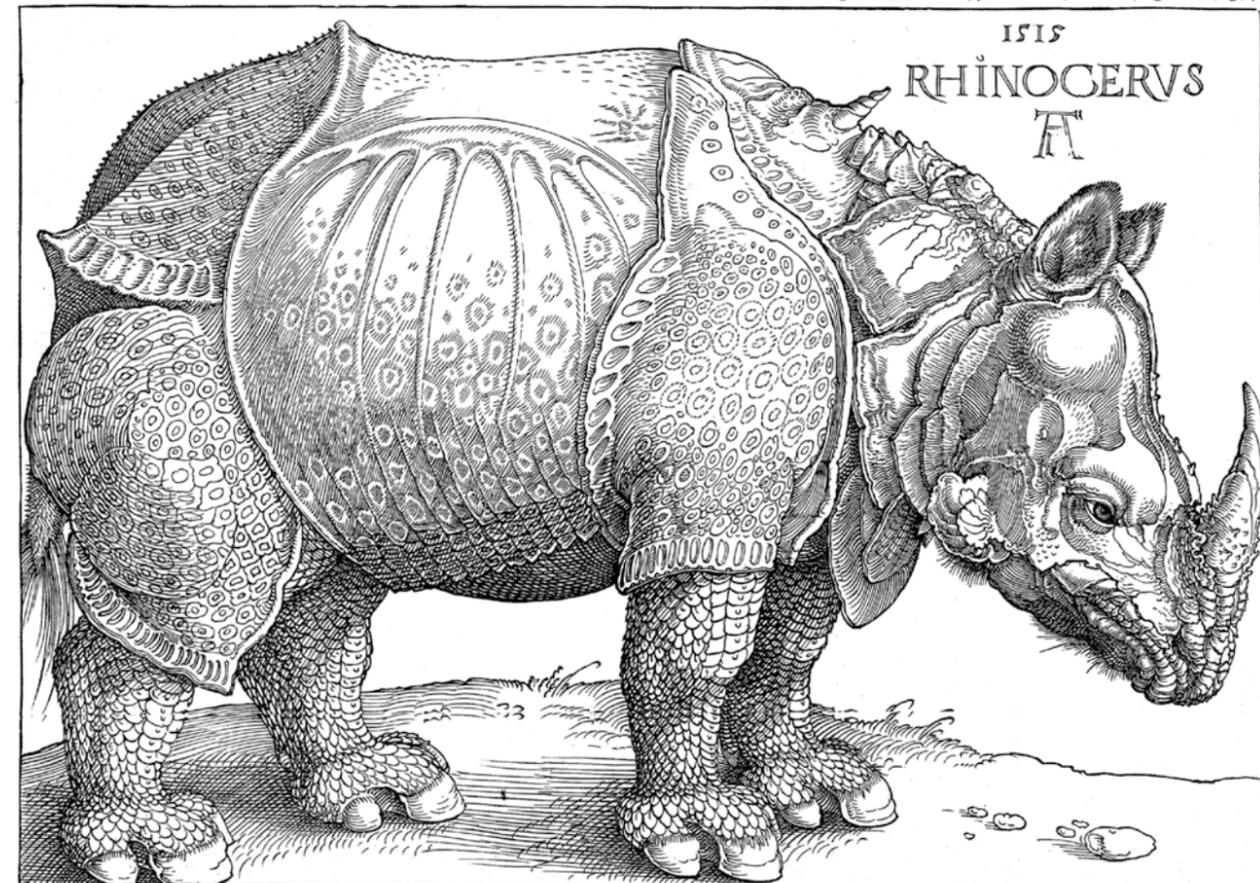


Fig. 6. Archivum Romanum Societatis Iesu (Roma), Lus. 82, “Cousas da Sacristia de São Roque”, 15 de Julho de 1561, fl. 95. Pormenor.

religiosa, acolheram estas profundas influências artísticas.

No Archivum Romanum Societatis Iesu, em Roma, encontra-se o inventário das *Cousas da Sacristia de São Roque*, de 15 de Julho de 1561 (Figs. 6 e 7).²⁰ Trata-se de um documento manuscrito²¹ e de raro interesse para a história de arte, uma vez que a Igreja de São Roque conheceu diferentes campanhas de obras e só através deste inventário é possível conhecer o recheio da sua sacristia primitiva.²²

Os objectos e materiais, provenientes da Ásia, invadiram a decoração deste espaço jesuíta de religiosidade, tão conhecido de Lisboa... As sedas indianas e chinesas (Fig. 8) foram utilizadas nos frontais e as cruzes de pau-preto preencheram alguns dos seus retábulos. Os tecidos de origem indiana, tão apreciados, foram aproveitados para cobrir os altares e vestir a igreja jesuíta com cortinas. As esteiras indianas terão conferido o remate final com a cobertura do chão. Já as diversas

caixas de marfim, tartaruga e madeira, provenientes da Índia e da China, serviram o fim mais sagrado de guardar as hóstias.

Fig. 7. Sacristia da Igreja de São Roque, em Lisboa.



HISTORIOGRAFIA

HISTORIOGRAPHY



Fig. 8. Pano de armar, veludo e seda. China, século XVII. Museu de São Roque. N.º de Inventário MT. 185 e MT. 186. Altura: 277 cm; largura: 184 cm. In Maria Helena Oliveira (coord.), *Museu de São Roque*, Lisboa: Casa da Misericórdia de Lisboa e Museu de São Roque, pp. 206-207

Entre os 37 frontais enumerados, dois eram de seda oriental: um “de seda branca da Índia com listras vermelhas e amarellas e sobrefrontal de tafetá cremezim raxado de branco” e outro “de ceda da China de figuras d’ouro quarteado com suas sanefas e sobrefrontal.”²³ Mas, outros tecidos animavam, com as suas diferentes texturas e cores, a Igreja de São Roque. Entre os panos de cobrir o cálice encontrava-se um “da Índia com huá cruz de ceda laranjada no meo”²⁴ e das 27 guardas de corporais, duas eram de pano com a mesma proveniência “huá tem huá Nosa Senhora no meo laurada e nos cantos huás letras azuis e coroa. A outra tem huá trança branca e preta.”²⁵ As cortinas da igreja também eram, na sua grande maioria, feitas com pano indiano, de cor branca, o mesmo que protegia o altar de São Roque, e algumas tinham sobreceús.²⁶ Por outro lado, nove toalhas dos altares eram feitas do mesmo pano, ostentando uma delas, uma barra de tafetá vermelho e rede,²⁷ assim como cinco toalhas de comungar,²⁸ seis lenços,²⁹ “huá peceta [...] de seis até sete varas”³⁰ e “hum veu [...] listrado de vermelho”.³¹

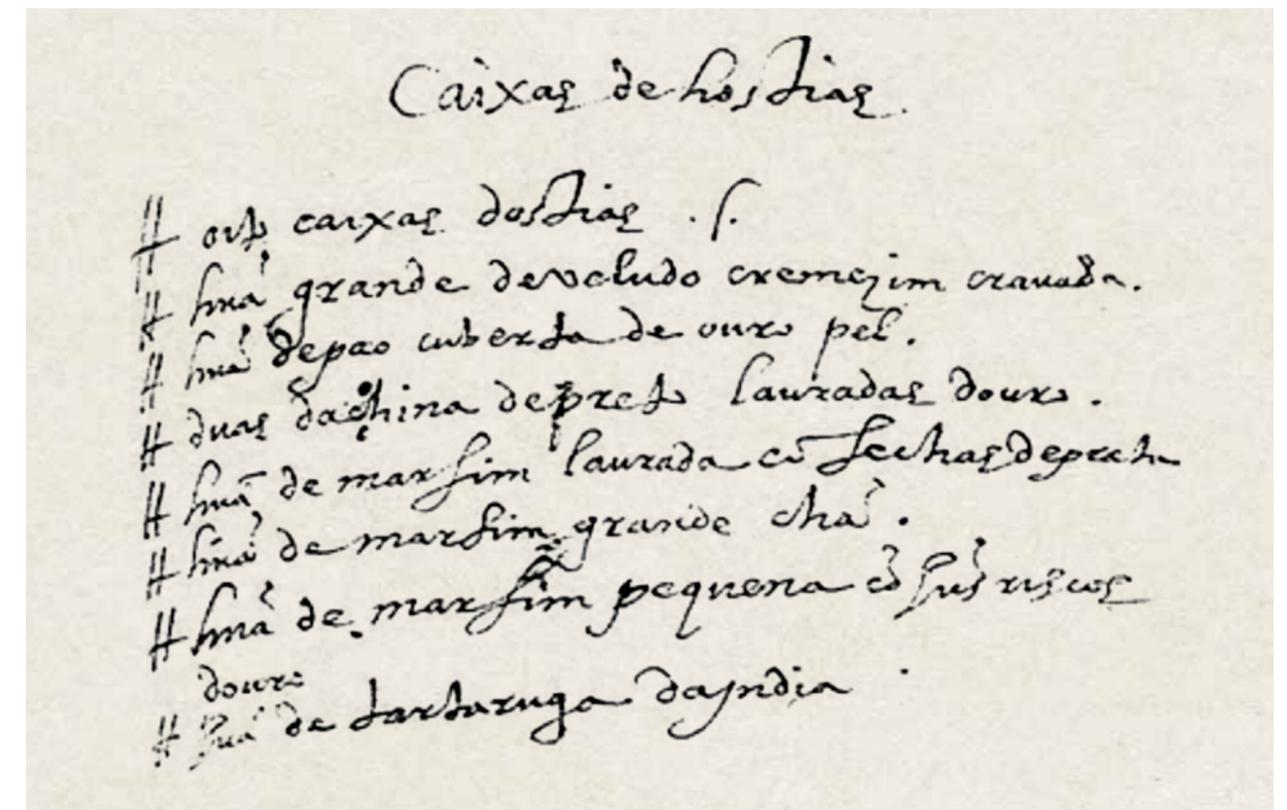
O gosto oriental fazia-se sentir muito para além das sedas e dos tecidos. As madeiras orientais espreitavam os fieis dos retábulos... Em São Roque, num deles existia “huá cruz de pao preto da Índia”.³² Uma das estantes era feita com a mesma madeira e decorada com um Jesus.³³ Das caixas inventariadas constavam “duas bocetas como caixas de palmo e meio douradas sobre preto da China com fechaduras” e “hum cofrinho da China da mesma com fechaduras”.³⁴

As caixas de hóstias revelam bem a atracção exercida pelos diferentes materiais asiáticos (Fig. 9). Assim, duas eram da China, produzidas com pau-preto e lavradas de ouro; uma de tartaruga da Índia e três de marfim, uma decorada com fechos de prata e outra com riscas de ouro.³⁵

As três esteiras de cores da Índia completavam a decoração marcada por novos horizontes de gosto e, simultaneamente, novos padrões de consumo de matriz orientalizante.³⁶

Não admira que os religiosos da Igreja de São Roque tenham aberto as suas portas, ainda antes de

Fig. 9. Archivum Romanum Societatis Iesu (Roma), Lus. 82, “Cousas da Sacristia de São Roque”, 15 de Julho de 1561, fl. 99. Pormenor.

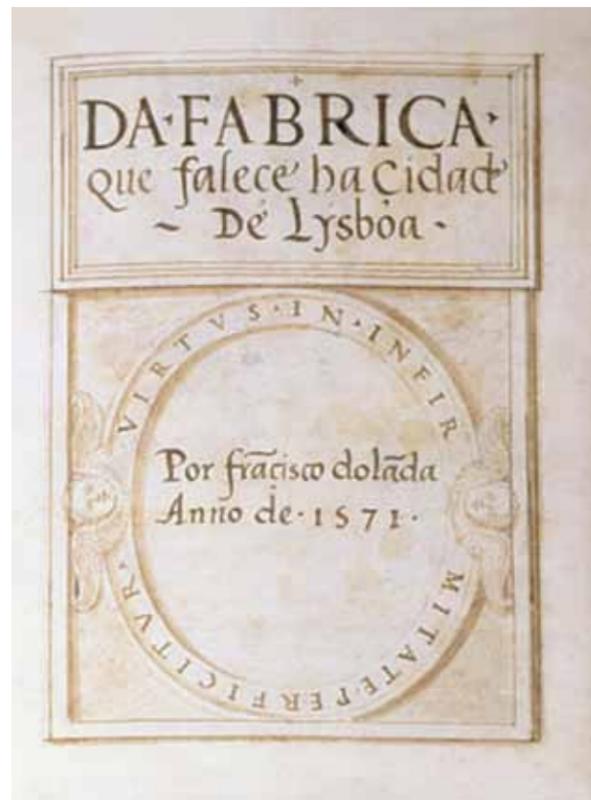


HISTORIOGRAFIA

1561, às artes decorativas asiáticas e tenham conseguido, no espaço da sacristia, fazer a simbiose das peças que chegavam do Oriente com os propósitos sagrados que os animavam. Afinal, não se assumia a Igreja de São Roque como um local privilegiado de preparação dos missionários jesuítas que partiam para o Oriente? E, uma vez aí chegados, não assumiram estes, muitas vezes, também um papel activo e directo nas suas próprias redes marítimo-mercantis?

A verdade é que alguns comerciantes de Lisboa, com fortes ligações às rotas do Oriente e à Flandres, terão apoiado economicamente os novos programas decorativos das igrejas da cidade. É o caso precisamente de São Roque... Diogo Rodríguez de Lisboa, cristão-novo, tratante de sedas, retrós e outros tecidos e membro da Junta de Comércio, foi preso pelo tribunal da Inquisição de Lisboa. O seu processo correu entre 11 de Janeiro e 23 de Dezembro de 1632. O réu não confessou as culpas de judaísmo que lhe eram imputadas. Antes, pelo contrário, afirmou perante o Santo Ofício que era católico, baptizado na

Fig. 10. *Da Fabrica que falece ha cidade de Lysboa*, Francisco de Holanda, 1571.



Igreja da Madalena, e que, entre as suas boas obras, tinha contribuído para a decoração da Igreja de São Nicolau, com grande parte do que custou o pano rico, o retábulo e com um cofre de prata para o sacrário,³⁷ e com “sincoenta mil reais pera o retabolo de S. Roque, e brocado pera huás cortinas que custou trinta mil reais.”³⁸ Apresentou, aliás, como suas testemunhas alguns padres jesuítas desta última igreja.

A que retábulo se estaria a referir? Muito provavelmente ao da capela-mor de São Roque, construído entre 1625 e 1628, considerado como o mais significativo na iconografia da Companhia de Jesus, uma vez que representa Francisco Xavier, Luís Gonzaga, Francisco de Borja e Inácio de Loyola.

O mobiliário asiático era preferido no paço de D. Sebastião. Uma das suas câmaras exibia “uma mesa pequena de couro preto da Índia mais bello que o ébano, todo lavrado ao redor de folhagens d’ouro.”³⁹ O tesouro real incluía “uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na Índia. O corpo d’ella, ou assento, é de ouro e as orlas lavradas subtilissimamente. Està toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras jóias semelhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei.”⁴⁰ E na capela real, uma das tapeçarias recebia a inspiração temática do Oriente, uma vez que representava “ao natural el-rei D. Manuel, rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Índias que hoje chamam de Portugal.”⁴¹

E se a visão recebia novos estímulos ao ritmo das chegadas sucessivas, ao porto de Lisboa, das naus de torna viagem, que trilhavam a Rota do Cabo, o cheiro e o paladar também sofriam transformações, como se embarcassem à demanda de novas sensações... As especiarias orientais inundavam a gastronomia...

O *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*,⁴² que reúne receitas dos finais do século xv e inícios do século xvi, levanta um pouco o véu sobre os reflexos das especiarias asiáticas na culinária portuguesa da Corte. Entre o caderno dos manjares de carne e o caderno dos manjares de ovo torna-se quase impossível encontrar uma receita em que não se usasse e abusasse do açúcar e das especiarias, muitas das vezes designadas, por quem as escreve, como “adubos”.

As especiarias orientais serviam também objectivos decorativos, ou seja, eram utilizadas nos pratos como retoque final. Os canudos dos ovos mexidos tinham a cobertura final de açúcar branco e canela,⁴³ assim como



Fig. 11. “Lembrança da fonte de água livre trazida ao Rossio”. In *Da Fabrica que falece ha cidade de Lysboa*, Francisco de Holanda, 1571.

os pastéis de tutanos, tão apreciados, em que se deitava muita canela e açúcar pisado por cima.⁴⁴

A Ásia marcava presença à mesa... Desde os pastéis à tigelada de carne, à galinha mourisca ou albardada, até aos pastéis de tutanos, ou de fígados de cabritos, tudo incluía açafrão, cravo, pimenta, gengibre e canela.

Torna-se impossível resistir à forte tentação de viajar no tempo e acompanhar, a par e passo, uma destas receitas, a das “boldroegas”:

“Tomarão a carne de porco ou de carneiro muito gordo, que não leve ossos, e picá-la-ão muito miúda, e terão acolá a farinha peneirada por uma peneira de seda, e terão dez ou doze gemas de ovos, duras...”⁴⁵

Com estes ingredientes eram formadas as bolas de carne, que eram colocadas, como se a gordura não bastasse, numa panela de manteiga a ferver sobre as brasas, ou de caldo de carneiro muito gordo. Já no prato, as “boldroegas” deviam ter o gosto “destes adubos, isto é, cravo e açafrão, pimenta e gengibre.”

Não admira pois que os viajantes estrangeiros, que visitaram Lisboa, tivessem classificado as nossas comidas como mal temperadas⁴⁶ e “mais grosseiras que delicadas”.⁴⁷ No entanto, salvaguardaram a qualidade

dos nossos vinhos fortes, pão e carne. Esta foi a apreciação de Giovanni Battisti Venturini, secretário do legado pontifício Miguel Bonneli, quando esteve na cidade no ano de 1571 e foi convidado para comer no paço real de D. Sebastião.

A este monarca apresentou Francisco d’Ollanda um plano de “lembranças” sobre Lisboa, no qual lhe indicou as fraquezas da cidade, do ponto de vista arquitectónico, e compôs um plano geral desenhado e escrito, uma espécie de traçado director, que o coloca, na Europa de Quinhentos, como um verdadeiro urbanista precursor. Nesta sua obra intitulada *Da Fabrica que falece ha cidade de Lysboa* (Fig. 10), terminada nesse mesmo ano de 1571, interrogava-se Ollanda

“se Lysboa tem a Presunção da Mayor E mais Nobre Cidade do Mundo: Como não tem o mais Excelente Templo ou Se do Mundo? Como não tem o melhor Castello e fortaleza E Muros do Mundo? Como não tem os milhores Paços do Mundo? E finalmente como não tem Agoa pera beber a Gente do Mundo?”⁴⁸

Ollanda, todavia, não deixava de reconhecer a nobreza desta cidade e atribuía-lhe uma dimensão de grandeza porque esta dominava o Oriente.⁴⁹ Não hesitava em lembrar o rei que não tinha “outra cousa mais Nobre em seus Rejnos, nem ha mais Portugal que Lysboa!”⁵⁰

Apesar do seu sentido crítico, o gosto pelo exótico continua a marcar este projecto de reforma de Lisboa. As fontes, planeadas para o Rossio (Fig. 11) e a Ribeira das Naus, não deixam de contemplar, na sua decoração, os elefantes, que surpreendiam e deleitavam os olhos dos seus moradores ou visitantes. Ollanda escreveu sobre os seus belos desenhos destas duas fontes:

“Esta Cidade que Morre de Sede. E não lhe dão Agoa. Da qual obra Eu fiz a El Rej Vosso Avo Hum Desegno pera trazer ao Resio por quatro alifantes Ao modo deste desegno. Que El Rej muyto Desejou fazer antes de sua Morte E o Jfante Dom Luys me Dixe que Desejaua trazersse esta Agoa ha Ribeira para a tomarem as naos da Jndia siquer por hum dos Alifantes.”⁵¹

Mesmo nas vozes críticas que se erguem sobre a cidade de Lisboa não deixamos de escutar os ecos longínquos da Ásia... Jorge Ferreira de Vasconcelos (1525?-1585), na *Comedia Vlyssippo*, cuja mais antiga edição conhecida é de 1618, sabendo-se porém que a primeira é anterior a 1561, retrata a sociedade lisboeta,

HISTORIOGRAFIA

HISTORIOGRAPHY

a propósito da família de um *cidadão* (ou burguês), chamado simbolicamente Ulyssipo, isto é Lisboa. É um pai que tem amantes clandestinas na Mouraria, então situada nos arrabaldes, mas impõe a maior severidade e castidade em casa, forçando os filhos e a mulher à reclusão.⁵²

As referências às negociações praticadas no mar, agitadas às vezes por grandes temporaes,⁵³ e ao envolvimento da nobreza na mercancia, de tal forma que o escritor utiliza a expressão de “ensopada”, para classificar a sua intervenção nos negócios, não hesitando em recordar que se esta “antes se prezava de não saber de conta, agora não ha por discrição senão decorar preceitos de câmbios e de recambios”,⁵⁴ permitem reconstituir o ambiente da Lisboa dos Descobrimentos marcado por uma intensa actividade comercial. De tal forma, que a vida só tinha para Vasconcelos duas vias a seguir: ou da razão, ou da fortuna fácil. Concluindo

o escritor, que no seu tempo, aquela para que mais se inclinavam era a segunda.⁵⁵ Por isso, “toma a cobiça o leme á opinião, vão assi os bons espíritos rota abatida com todas as vellas tal via per seus rumos tenteados, deixando por de ree toda heróica virtude.”⁵⁶

A associação da cidade de Lisboa à mercancia, à falsa ostentação e inúteis vaidades, aos “maos enganos, vãos negócios” foi também estabelecida por outros poetas e escritores. Pêro Andrade de Caminha, na sua Ode a Francisco Sá de Miranda, em que começava por exaltar as grandezas desta cidade, não deixava de elogiar o poeta pelo seu espírito prudente, são e raro, que o tinha levado a trocar as suas tão efêmeras esperanças e enganos, pelo doce Neiva, pela tranquilidade da sua fonte e pelo cantar das aves...⁵⁷

Para trás ficava a visão da entrada das armadas, no porto de Lisboa, cheias de “mil despojos, presas grossas, / Com bandeiras trunfaes ò Céu erguidas”.⁵⁸ **RC**

NOTAS

- Carta de Luigi Lippomano para Francesco Vannuci. Lisboa, 20 de Novembro de 1543. Direcção Geral de Arquivos/Torre do Tombo (D GARQ/TT), *Colecção Moreira*, Cad. 19, n.º 23, fls. 23-23 v.
- Cf. *O Livro de Marco Paulo*, ed. de F. Esteves Pereira (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1922). Epístola.
- Cf. Luís Filipe Barreto, “A aculturação portuguesa na expansão e o luso-tropicalismo”, in Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos (coord.), *Portugal. Percursos de Interculturalidade*, Vol. I (Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008), p. 492.
- Relaçam, em que se trata, e faz huã breue descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, e seus arrebaldes, das partes notauéis, Igrejas, Hermidas, e Conuentos que tem, começando logo da barra, vindo corredo por toda a praya até Enxobregas, e dahi pella parte de cima até São Bento o nouo*, publicada por A. Vieira da Silva nos *Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais*, ano IV, n.º 11 (Lisboa: S. Industriais da CML, 1934), p. 19. Na nota explicativa que antecede a edição deste texto, A. Vieira da Silva refere a sua primeira publicação no *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses*, n.ºs 5, 6, 7 e 8, tomo VIII, 1899. A obra não tem indicação de autor. É um poema, um conjunto de versos encomiásticos à cidade de Lisboa. São quadras de sete sílabas não rimadas. As noções descritivas e críticas são, geralmente, muito deficientes. Mas, reveste o interesse de dar a conhecer certas particularidades de locais, de edifícios e do pulsar da vida citadina no princípio do segundo quartel do século XVII. Joaquim de Vasconcelos, em *Arqueologia Artística*, n.º 6, Porto, 1889, p. VIII, defendeu que esta obra era um resumo do *Livro das Grandezas de Lisboa*, de Fr. Nicolau de Oliveira, publicado em 1.ª ed. em 1620, e talvez do mesmo autor. A *Relaçam* foi impressa, em Lisboa, por Antonio Alvarez, no ano de 1625. No entanto, um primeiro confronto directo dos dois textos, quanto à forma e aos conteúdos, deixa algumas dúvidas quanto ao autor ser o mesmo.
- Cf. João Brandão, *Majestade e grandezas de Lisboa em 1552*. Edição

- de Anselmo Braamcamp Freire, *Arquivo Histórico Português*, Vol. XI, Lisboa, p. 240.
- Cf. Frei Nicolau de Oliveira, *Livro das Grandezas de Lisboa*, fac-símile da edição de Jorge Rodrigues, 1620 (Lisboa: Vega, 1991), p. 3 v.
- Ibidem*, p. A4.
- Vanda Anastácio, *Visões de Glória: Uma Introdução à Poesia de Pêro de Andrade Caminha*, Vol. II (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998), p. 872.
- Cf. Luís Filipe Barreto, “A aculturação portuguesa na expansão...”, p. 488.
- Ibidem*, p. 490.
- Jerónimo Munzer, *Viaje por España y Portugal*, ed. Ramón Alfa (Madrid: Polifemo, 1991), p. 167. Esta referência foi apontada por Luís Filipe Barreto, “A aculturação portuguesa na expansão...”, p. 489.
- Jerónimo Munzer, *Itinerário* (Excertos), ed. A. Basílio de Vasconcelos (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931), p. 27. Esta referência foi apontada por Luís Filipe Barreto, “A aculturação portuguesa na expansão...”, p. 489.
- Jerónimo Munzer, *Viaje por España y Portugal*, p. 167.
- Cf. Luís Filipe Barreto, “A aculturação portuguesa na expansão...”, p. 490.
- João Brandão, *Majestade e grandezas de Lisboa em 1552*, p. 29.
- Ibidem*, p. 46.
- Relaçam, em que se trata, e faz huã breue descrição dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, e seus arrebaldes...*, p. 24.
- Jerónimo Munzer, *Itinerário* (Excertos), p. 27.
- “Viagem do Cardeal Alexandrino” (1571), in Alexandre Herculano, *Opúsculos*, Tomo VI (Controvérsias e Estudos Históricos), Tomo III (Lisboa: Viúva Bertrand & Cª, 1884), pp. 79-80.
- Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Lusitania 82*, fls. 95-99.

- Este manuscrito com que me deparei no decurso de uma investigação desenvolvida no ARSI (Roma), no ano de 2008, foi recentemente alvo de estudo aprofundado e publicado pela historiadora de arte Isabel Mayer Godinho Mendonça. Cf. Isabel Mayer Godinho Mendonça, “O primeiro inventário da igreja de S. Roque (1561)”, in José Eduardo Franco e Luís Machado de Abreu, *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portuga, na Europa e no Mundo*, Vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), pp. 737-784.
- Sobre as campanhas de obras ocorridas na igreja de São Roque veja-se o estudo de Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, (Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1980), pp. 18 e 20. A autora refere que a igreja sofreu obras entre 1567 e 1575, tendo conhecido novas alterações a partir de 1610. Ver também Vítor Serrão, *A Lenda de São Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso* (Lisboa: Bertrand Editora, 2006), pp. 23-29. Trata-se de um estudo sobre a sacristia de São Roque como uma pinacoteca, em que são abordadas as decorações realizadas na igreja inaciana entre 1619 e 1622.
- ARSI, *Lusitania 82*, fl. 95.
- Ibidem*, fl. 95 v.
- Ibidem*, fl. 96.
- Entre as cortinas da igreja são inventariadas: “huãs cortinas de pano da Jndia brancas com seu guarda po do altar de São Roque”; “sete corrediças dos altares de fora de pano da Jndia brancas”; “huã cortina preta de pano da Jndia com seu guarda po”; “huãs cortinas de pano da Jndia com sobreceço do mesmo forrado de pano de linho e cinco corrediças da mesma Jndia” e “duas corrediças de pano da Jndia brancas com huãs listas vermelhas dos altares pequenos”. *Ibidem*, fls. 96-96 v.
- Ibidem*, fl. 97 v.
- Ibidem*, fl. 99.
- Ibidem*, fl. 99.
- Ibidem*, fl. 97.
- Ibidem*, fl. 97 v.
- Ibidem*, fl. 96.
- Ibidem*, fl. 97 v.
- Ibidem*, fl. 98 v.
- Ibidem*, fl. 99.

- Ibidem*, fl. 99.
- DGARQ/TT, *Inquisição de Lisboa*, Proc. n.º 4474, fl. 27 v.
- Ibidem*, fl. 28.
- “Viagem do Cardeal Alexandrino” (1571), pp. 86-87.
- Ibidem*, p. 92.
- Ibidem*, p. 92.
- Livro de Cozinha da Infanta D. Maria. Códice Português I. E. 33. da Biblioteca Nacional de Nápoles*. Prólogo, Leitura, Notas aos textos, Glossário e Índices de Giacinto Manupella (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986). Este códice pertenceu ao espólio da pequena livraria pessoal que a Infanta D. Maria de Portugal (1538-1577), neta de D. Manuel I, levou consigo quando foi consorciar-se (em Bruxelas, a 30 de Novembro de 1565) com Alexandre Farnésio, 3.º duque de Parma, Piacenza e Guastalla.
- Ibidem*, p. 33.
- Ibidem*, p. 19.
- Ibidem*, p. 40.
- “Viagem do Cardeal Alexandrino” (1571), p. 88.
- Ibidem*, p. 85.
- Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa*, 1571. Ed. fac-símile de Jorge Segurado, *Francisco d'Ollanda* (Lisboa: Edições Excelsior, 1970), p. 100.
- Ibidem*, p. 80: “E outras menores cidades que ella? E que não Dominão Oriente nem Ponente como Lysboa?”
- Ibidem*, p. 75.
- Ibidem*, p. 101.
- Cf. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 3.ª ed. (Porto: Tip. e Enc. Alberto de Oliveira, Lda, [s.d.], p. 257
- Cf. Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comedia Vlyssippo*, 2.ª ed. (?), 1618, p. 58.
- Ibidem*, p. 121.
- Ibidem*, p. 149.
- Ibidem*, p. 149
- Vanda Anastácio, *Visões de Glória...*, pp. 872-873.
- Ibidem*, p. 872.